

VIDEOVIGILÂNCIA NO CENTRO HISTÓRICO OU “BIOVIGILÂNCIA”?

08-Fev-2010

Â OpiniÃ£o

Texto de Carlos VieiraÂ Â

Â Hoje Ã© o Dia Europeu de ProtecÃ§Ã£o de Dados, o que levou a ComissÃ£o Nacional para a ProtecÃ§Ã£o de Dados a chamar a atenÃ§Ã£o da populaÃ§Ã£o para os riscos de divulgar informaÃ§Ã£o e opiniÃµes pessoais nas redes sociais, tipo Facebook, que poderÃ£o ser pesquisados, por exemplo, por empresas que pretendam saber dados nÃ£o legais acerca da vida pessoal dos candidatos a emprego. Outro dos alertas prende-se com a utilizaÃ§Ã£o cada vez mais generalizada da videovigilÃ¢ncia. Recordo que a ComissÃ£o Nacional de ProtecÃ§Ã£o de Dados chumbou, hÃ¡ pouco tempo, a instalaÃ§Ã£o de 32 cÃ¢maras de videovigilÃ¢ncia na Baixa Pombalina, a pedido da autarquia lisboeta.

Num inquÃ©rito efectuado, recentemente, pelo DiÃ¡rio de Viseu, alguns dos entrevistados mais jovens manifestavam-se contrÃ¡rios ao uso de cÃ¢maras de videovigilÃ¢ncia, apontando como alternativa o policiamento de proximidade (como agora estÃ¡ a ser feito na Rua Direita, graÃ§as ao Contrato Local de SeguranÃ§a entre o municÃ­pio e o Governo Civil, reforÃ§ando o policiamento com meios humanos e de locomoÃ§Ã£o adequados Ã quella artÃ©ria) e o repovoamento do centro histÃ³rico. Essa Ã© precisamente a soluÃ§Ã£o que eu tenho vindo a defender, nomeadamente, nestas crÃ³nicas, indicandoÂ como alternativa mais eficaz aquilo a que chamo deÂ “biovigilÃ¢ncia”: a vigilÃ¢ncia que sÃ³ a vida social de cidade pode traduzir. A reabilitaÃ§Ã£o de um terÃ§o dos edifÃ­cios do centro histÃ³rico, que se deixaram degradar, em alguns casos atÃ© Ã ruÃ­na, Ã© um caminho que mal se encetou, estando com vinte anos de atraso.

O prÃ³prio presidente da Assembleia Municipal de Viseu e deputado do PSD, Almeida Henriques,Â hÃ¡ cerca de uma semana, criticou publicamente as “polÃ­ticas de urbanismo que empurraram os cidadÃ£os para a periferia” transformando as cidades em “autÃ©nticos donut” relegando para segundo plano o comÃ©rcio de proximidade. NÃ£o se poderia ser crÃ­tico da polÃ­tica municipal que tem permitido a asfixia e a morte lenta do pequeno comÃ©rcio pelo cerco das grandes superfÃ­cies Ã volta da cidade, apostando em “novas centralidades”, a outra face da desertificaÃ§Ã£o humana (e consequente inseguranÃ§a) do centro de Viseu.